

JORDAN STEPHANIE GRAY

O
CORACÃO
DO
MAR
PERVERSO



OTHER
SIDE



AVISOS DE CONTEÚDO

Abusos físicos e psicológicos

Conteúdo sexual explícito

Discriminação e perseguição

Genocídio

Gore e sangue

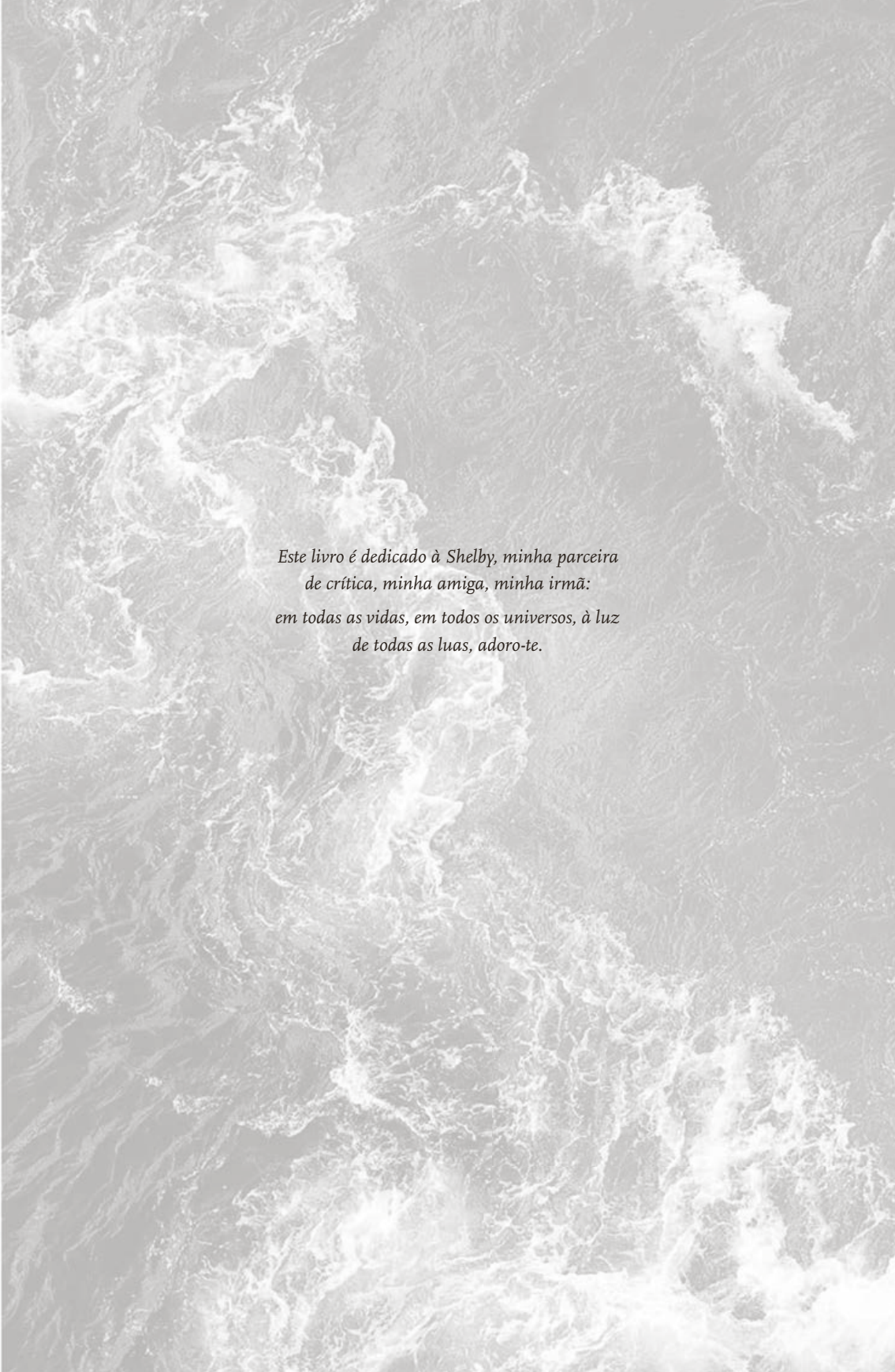
Linguagem explícita

Luto

Morte

Trauma

Violência e tortura

An aerial, top-down view of the ocean's surface, showing a complex pattern of dark, textured water and bright, white, frothy waves. The waves are scattered across the frame, with some larger, more defined ones and many smaller, churning ones. The overall tone is monochromatic, with shades of grey and white against a dark background.

*Este livro é dedicado à Shelby, minha parceira
de crítica, minha amiga, minha irmã:
em todas as vidas, em todos os universos, à luz
de todas as luas, adoro-te.*

A história que vais ler é extremamente tendenciosa e objetivamente falsa. Os nomes permaneceram inalterados por motivos de vingança. Folheia estas páginas com cautela e lembra-te: não acredites numa única palavra. Não confies em ninguém.



**OS QUATRO MARES
E OS SEUS PODERES SIRÉNICOS:**

O SYL

Aecorians: seres sirénicos capazes de manipular a água salgada, mas apenas enquanto estiverem transformados

O SEL

Siren: seres sirénicos capazes de encantar seres humanos e animais terrestres através do canto

O SOL

Fervors: seres sirénicos capazes de aquecer água salgada através do toque

O SAL

Opaci: seres sirénicos capazes de congelar qualquer líquido através da respiração



PARTE 1

MORTIA



PRÓLOGO

AURELIA

O cadáver de uma sereia apodrece por cima de um monte de gardénias brancas. As escamas caem como poeira estelar sobre o jardim iluminado pela luz da lua, mirradas, mas ainda brilhantes e iridescentes, mesmo quando o resto do seu corpo congela. Porém, ninguém presta atenção a toda aquela devastação. Estão demasiado ocupados a banhar-se no pó iridescente, a espalhá-lo pelo peito e lábios num ritual sádico. O licor agri-doce flui como uma nascente das suas mãos enquanto bebem sofregamente, guincham divertidos e dançam à volta da sua vítima, esticando-se para lhe puxar o seu longo cabelo cor de alfazema. Os homens. As mulheres.

Humanos.

Não choram a criatura que chacinaram. Celebram a sua morte e dançam sob o seu jazigo.

Uma raiva antiga, incandescente e furiosa, aperta-me o coração com as suas garras afiadas. Para lá dos portões alvos e ornamentados do jardim do palácio, sob uma cúpula de vidro prateado e colunas decorativas em mármore, uma lua cheia ilumina uma centena de membros da realeza e da nobreza que celebram o seu baile de máscaras vingativo. Uma centena de humanos cujas famílias contam com várias gerações dedicadas a reivindicar, massacrar e *destruir*.

Mas, esta noite, vão pagar o preço.

Há cinco séculos que os humanos massacram as sereias. Por ganância. Cobardia. Temem o que não compreendem — o que se *recusam* a compreender — e, em vez de nos quererem ao seu lado, em vez de promoverem a paz, massacram-nos assim que nos veem. Para os humanos,

a mera existência dos seres sirénicos é uma traição, e a nossa punição é uma execução rápida: uma espada cravada no coração, se o humano se sentir misericordioso; caso contrário, um lento e tortuoso esfolamento.

E a seguir, somos enforcadas.

Inevitavelmente, somos suspensas como grinaldas em cordas douradas para sermos ridicularizadas, profanadas, para passarem os seus dedos famintos pela nossa morte e pintarem a sua pele com a vitória. Os meus olhos voltam-se para a sereia morta, para o corpo que se agita enquanto um folião lhe corta o cabelo e o entrança, escondido atrás da sua máscara de águia. Sinto um silvo a subir-me pela garganta. Os meus dedos emaranham-se nos meus próprios cabelos curtos cor de pêssego enquanto os prendo atrás das orelhas. Os meus passos tornam-se quase silenciosos no chão de mármore, e não consigo ver nem ouvir as minhas irmãs nas sombras, enquanto também elas avançam, sorrateiras. Observam-me e aguardam o meu sinal.

Somos as profundezas do mar e o sal das lágrimas. Somos a violência da corrente e o rugido das ondas.

Somos a vingança.

Dois guardas vigiam cada uma das entradas dos portões. Trazem consigo espadas que repousam em pesadas bainhas de couro, e as suas armaduras douradas refletem as chamas bruxuleantes da luz azulada das tochas. Os corações de ambos estão escondidos sob a carne e o metal, mas as suas gargantas estão expostas. As veias nos pulsos deles latejam. Quase sinto o gosto do seu sangue na minha língua.

Talvez o beba diretamente da veia.

É menos do que eles merecem. Humanos. *Homens*. Quase cuspo ao pensar nisso, escondida atrás de uma topiária coroada com amores-perfeitos e tulipas. Importadas. Indulgentes. Quase sufoco com o cheiro do seu perfume doce, que se mistura com o cheiro dos cadáveres do meu povo. As gargalhadas no pátio soam mais alto à medida que o licor continua a fluir. Uma mulher — a sua voz fraca, hedionda e fina como um fio desgastado — canta um hino local, agarrando em madeixas de cabelo cortado e atirando-as ao ar como confettis, enquanto outros inalam o pó azul-celeste pelas narinas gananciosas e fornicam no centro do jardim. Odeio-os. Odeio-os a todos.

E os piores de todos, os mais brutais, são os que vivem aqui, no Reino de Mortia.



A sereia de cabelos cor de alfazema não é o único cadáver a apodrecer naquele baile de máscaras.

Há sete dias, o rei Constane Ador intercetou outros refugiados sirénicos numa ilha ao largo da costa, fugidos que vinham do Sel para escapar ao ataque de uma lula gigante. Estes seres sirénicos não fizeram mal aos humanos da aldeia piscatória. Não usaram os seus poderes mágicos para os mutilarem ou matarem. Limitaram-se a esconder-se num edifício em ruínas junto às docas, enquanto esperavam que o monstro tentacular se retirasse, e quando isso aconteceu, horas depois, eles partiram — ou, pelo menos, tentaram. Só que tinham um exército de homens com facas e espadas à sua espera do lado de fora do edifício.

Os humanos cortaram-lhes as tripas mal eles apareceram.

E agora eles — os meus irmãos e *irmãs* — choram carne morta por cima da decadência humana e da diversão desabrida.

Os nós dos dedos estalam quando as minhas mãos se fecham em punhos. Os dedos dos pés fincam-se no frio do chão. Embora a minha cauda se tenha transformado em duas pernas — assim que a minha pele secou, apagando os resquícius da água salgada —, ainda a sinto a chicotear, a açoiatar, dentro de mim. Um membro fantasma que implora para se mover. Para agir. Para *ferir*.

Este reino vai expiar os seus pecados.

Agora.

Irrompo da colunata sombria com um grito estrangulado, e os guardas ficam firmes nos seus postos. Desembainham as espadas e preparam-se para uma batalha rápida, mas sangrenta. No entanto, não lhes dou sequer hipótese de atacar. Não desta vez. *Nunca mais*. Em vez disso, o meu grito transforma-se numa melodia cruel, e uma canção emerge dos meus lábios tão pecaminosa como as Profundezas.

Os olhos deles arregalam-se. Medo em tons de castanho e verde. As suas bocas abrem-se num grito.

Encanto-os antes que possam emitir qualquer som.

As suas espadas caem no chão em resposta, e eles desabam com uma força sobrenatural sobre os joelhos frágeis. Um tendão rompe-se com o impacto. A angústia enrubesce as suas faces pálidas enquanto tentam, sem sucesso, resistir-me, resistir à minha canção, e os meus lábios curvam-se num sorriso vingativo. Numa luta justa, um humano nunca vencerá uma sereia. Não, têm de recorrer a táticas vis, à uma superioridade numérica

avassaladora, à força bruta, ou então a artimanhas e logros. Continuo a cantar enquanto me aproximo, enquanto me baixo e pego numa das espadas, enquanto a aponto aos seus pescoços e saboreio a fúria nos rostos grosseiros. E é nesse momento — e apenas nesse momento — que hesito.

— Irmãs? — pergunto.

— É chegada a hora, Aurelia — responde Argonia sem hesitar, com a voz a espalhar-se pela escuridão enquanto se aproxima da colunata. — A entrada norte foi tomada.

— A entrada sul caiu, Aurelia — acrescenta Phylla, com a sua voz fraca a emergir algures atrás de nós.

Os homens debaixo de mim trocam olhares assustados. Um deles estende os dedos grossos e desajeitados em direção à espada que jaz solitária no chão. Antes de conseguir agarrar no punho, piso-lhe o pulso e torço o calcanhar tal como a minha rainha me ensinou — de modo a partir todos os ossos do seu delicado antebraço. O guarda grita de dor, e eu devoro o som.

De joelhos, arrasto a espada roubada pelo seu peitoral de metal. Prata sobre ouro. O som que ela emite é ensurdecedor.

— S... siren — consegue ele dizer com os lábios trémulos. O seu rosto está pálido, da cor do verde doentio da espuma do mar, e uma fina camada de suor cobre-lhe a testa. Ele sabe o que o espera; ouviu histórias sobre as terríveis Sirens do Sel, provavelmente sentado ao colo da mãe quando era criança.

— Siren — confirmo com uma ligeira inclinação da cabeça. Melenas curtas da cor do sol poente caem-me nos olhos enquanto cruzo os braços sobre a armadura branca cor de osso que é usada pelo meu povo. — Podia controlar os últimos resquícios da tua mente com uma única nota. Isso assusta-te, humano? — Ele não responde. Mantém a boca fechada com determinação, por isso pego-lhe pelo queixo com a minha mão livre e aponto a cabeça na direção do seu companheiro. — Podia obrigar-te a devorares o teu amigo. A que saberá a carne dele? — Quando ele insiste em não dizer nada, inclino-me para mais perto, inalando o seu medo. — Isto é uma celebração, não é? Talvez devessem deliciar-se um com o outro.

O cheiro a urina quente faz-me torcer o nariz. Não percebo qual dos guardas foi. Ambos tremem como frágeis algas marinhas à mercê de uma tempestade de verão. *Cobardes*. Afasto a cara do guarda, com uma sensação de repulsa a encher-me a garganta como bÍlis. Estes homens não merecem toda a força da minha ira. Não, *isso* está reservado para o seu rei.

Levanto-me, ergo o queixo e lanço um olhar de desdém aos dois guardas patéticos.

— P-p-por favor — murmura o segundo, juntando as mãos numa espécie de oração. — Poupa-me. Não fiz nada de mal. Eu... eu nunca fiz mal nenhum tipo de sereia. — Os olhos dele arregalam-se desesperadamente ao reparar na minha expressão. — Juro.

Se não fosse pela fúria que arde no meu peito, vomitaria nas suas botas.

Arreganho os dentes e dou-lhe um pontapé na cara, virando-o para a seireia de cabelos cor de alfazema, para as dezenas de outras que balançam ao lado dela. Humilhadas e degradadas. *Mortas*.

— Talvez não — rosno — mas defendes o jardim onde elas foram executadas. Proteges aqueles que troçam dos nossos mortos. O sangue que mancha as mãos deles mancha também as tuas. Estás coberto dele. Todo este reino está encharcado nele.

— Por favor...

— Por todos aqueles que caíram — digo, e corto-lhe a garganta antes que possa terminar a súplica.

As palavras jorram-lhe dos lábios com um borbulhar de sangue. O outro guarda apressa-se a tentar fugir, a apoiar-se no seu único joelho em condições, mas apunhalo-o no crânio antes que ele possa levar a sua avante. Perfuro-lhe o cérebro com a mesma facilidade com que se fura uma esponja. Ele merecia muito pior. *Todos eles merecem*.

— A entrada leste está controlada — informo as minhas irmãs. — Hora de lançar o caos.

— Muita sorte — entoa Phylla com brandura antes de partir.

— Muita sorte — repetimos eu e Argonia.

O desejo não é necessário. A deusa está do nosso lado. Este reino não sobreviverá por muito mais tempo.

Abrimos os nossos respetivos portões ao mesmo tempo, em sincronia, e marchamos para dentro do jardim real de Mortia. Phylla, com o seu cabelo e lábios azuis brilhantes, avança para o meio da multidão que se reúne sob os cadáveres mais frescos. Argonia, de cabelo ruivo, abre caminho em direção ao bar, rodeada por foliões mascarados. E eu...

Eu fixo o meu olhar no rei.

Sentado num trono reluzente no centro do jardim — um trono pintado com escamas iridescentes — ele atira a cabeça para trás com uma gargalhada estrondosa, e a coroa de ouro quase tomba dos seus cabelos dourados,

mas ele segura-a a tempo. O movimento fá-lo derrubar a taça que tem na outra mão, mas ver o vinho derramar-se pelo chão, só o faz rir mais alto. Os seus olhos brilham com uma volúpia castanho-escura por trás das penas enegrecidas da máscara de corvo.

Os bajuladores que o rodeiam seguem o exemplo, rindo desbragadamente como as marionetas que são. A atuar para o seu mestre hediondo. Tão deslumbrados por estarem perto do rei que nem sequer reparam em mim — nem na armadura branca do Sel que cinge os meus seios e ancas, nem no cabelo cor de pêssego seguro atrás das minhas orelhas.

Nem na espada que trago na mão que pinga sangue escarlate no brilhante chão de mármore.

Mas claro que reparam nos gritos.

Ao lado de uma fonte que jorra águas cristalinas, um cortesão bêbado com duas taças de vinho doce nas mãos tropeça em Argonia. A minha irmã não espera por um pedido de desculpas. Limita-se a agarrar na cabeça do homem e a arrancá-la do pescoço. O ponto forte de Argonia sempre foi a sua... bem, *força*. Mesmo que não fosse uma Siren nascida do Sel, seria certamente uma das armas mais mortíferas do oceano. Do mundo. E com a cabeça do cortesão pendurada nos seus dedos... é difícil passar despercebida.

O sangue explode à sua volta num piscar de olhos, seguido por gritos de pânico e terror. O cadáver humano cai no chão, e a minha irmã vira-se, cravando as unhas enegrecidas na cara de uma mulher curvilínea e arranhando-lhe a carne branca. Argonia dá um pontapeia-lhe no peito enquanto retira os dedos. Aos gritos, a mulher cai para trás na fonte, abrindo o crânio na pedra e desabando no mesmo instante. Mais uma vítima mortal, enquanto a água adquire tons escarlate. É a minha vez de rir.

E eu rio... e amaldiçoo aquela mulher com o mesmo fôlego, enquanto pontapeio outra que passa a correr em pânico. Parto-lhe o joelho ainda a rir, enquanto Argonia se baixa para partir tudo o resto.

Eles riram-se quando assassinaram estas sereias. Riram-se quando pintaram os seus próprios corpos com as escamas do meu povo.

O olhar do rei fixa-se no meu no meio daquele caos repentino. Levo a espada à boca e lambo o sangue da lâmina. Os seus olhos estreitam-se com um ódio indistigável. Ele lança-se para a frente, afastando os bajuladores que fogem em todas as direções.

— Marrow — maldiz.

— Assassino — sibilo.



Atrás de mim, os gritos aumentam, mas as minhas irmãs não cantam. Cerro o meu aperto no punho da espada roubada enquanto Constane se aproxima. Também não canto — *ainda não* — porque queremos que eles saibam, queremos que *temam*. Da mesma maneira que todas aquelas se-
reias por cima das nossas cabeças temeram. Antes de lhes tirarmos a vontade, a vida, queremos que saibam que *perderam*.

— Vais pagar pelos teus crimes, Constane. Vais sofrer. Sou Aurelia do Sel. Eu e as minhas irmãs estamos aqui para que te prostres diante de nós.

— *Rei* Constane. — Ele tira um punhal do bolso de trás, tão adornado com pedraria como as calças que usa, e segura-o à sua frente numa fraca demonstração de defesa. Demasiado lento e desajeitado por causa do vinho. — E não contes com isso, demónio.

Espera que eu ataque como as minhas irmãs, que lute com ele com a espada que tenho na mão. Por causa de Argonia, ainda não percebeu que não precisamos de recorrer à força bruta ou a armas humanas. Somos Sirens do Sel, e as nossas vozes podem destruir reinos.

Chegou a hora deste reino. Chegou a hora deste rei.

Abro a boca e canto.

As minhas cordas vocais emitem notas de morte, horror, tormento e tortura. Erguem-se ainda mais alto com o pesar, a perda e a *raiva*, com a dor de toda aquela crueldade e maldade desnecessárias. O meu alvo são todos os humanos — os humanos que dantes riram, dançaram, e que agora fogem, imploram e clamam de joelhos por misericórdia. A mesma misericórdia que não dispensaram às sereias. A mulher do outro lado do jardim ainda segura os cabelos cor de alfavaca quebradiços entre os dedos enquanto os torce, implorando a Phylla que lhe poupe a vida. *Foi sem intenção. Por favor, por favor, perdoa-me.*

Phylla não perdoa. E eu canto, e canto, e canto.

Um a um, os humanos começam a morrer.

As minhas irmãs juntam-se a mim, e a nossa canção reverbera no teto de vidro. O sangue escorre-lhes pelos ouvidos, pelos cantos dos lábios brilhantes, pelas órbitas oculares e narinas, manchando as máscaras opulentas. Cheira a podridão. A *vingança*. Inspiro profundamente enquanto encaro o rei que está diante de mim. O seu maxilar está cerrado, as faces rubras do esforço de tentar manter o controlo. De tentar não sucumbir. A minha melodia torna-se mais célere, assombrosa como o quebrar das ondas numa noite escura como breu.

Outros no jardim caem como pedras. As minhas irmãs cantam para que eles arranquem os próprios olhos ou os próprios dentes. O cheiro metálico das vísceras intensifica-se, anulando o aroma dos amores-perfeitos e das tulipas. Dos lírios e das anêmonas. Mas não é suficiente. Nada disto será suficiente.

— O legado da tua família é o massacre do nosso povo — canto sombriamente, aproximando-me do rei, contornando-o enquanto vacila e balança. Quero ver a luz a abandonar-lhe os olhos. Quero que o meu rosto seja a última coisa que ele vê. — Que as Profundezas encham a tua eternidade de horror.

O rei Constane cai finalmente. Não grita, mas o corpo dele treme com a pressão que se acumula no crânio, e a mão começa a levantar-se contra a sua vontade. O punhal gira na mão e aponta agora ao próprio coração.

Inclino-me para mais perto, quase ébria de triunfo.

— Adeus, Constane.

A minha voz ecoa, cantando cada vez mais alto, à medida que o punhal se aproxima da sua carne. E é então que...

É então que a canção de Phylla cessa abruptamente. No meio da sua melodia, ela simplesmente... para, e a minha própria canção desafina, sinto um vazio no estômago como se tivesse perdido o ritmo. Franzo a testa e olho para a esquerda, mas já não a vejo. O seu cabelo azul desapareceu no meio da multidão, e aqueles que estavam mais próximos dela endireitaram-se com expressões de alívio histérico — cobertos de sangue e feridos, mas não moribundos — como se tivessem sido salvos por um milagre. Mas isso é *impossível*. Não há aqui ninguém que possa salvá-los. Ninguém pode ignorar a canção de uma Siren. Ninguém nos pode *derrotar*.

Com a testa cada vez mais franzida — ignorando aquele vazio no estômago —, viro-me para o rei e volto a centrar o meu olhar. *Phylla está bem. Ela só se escondeu atrás da fonte*. A minha voz volta a estabilizar, e Constane perfura o algodão que envolve o seu peito largo. Perfura a pele, faz sangue, e...

E a canção de Argonia morre com um grito húmido e gutural. Um grito tão familiar que poderia muito bem ser o meu.

Não. O meu coração bate descompassado, mas não ousa desviar o olhar do rei Constane. Não enquanto ele sorri — *sorri* — e uma única gota de sangue escorre da sua boca até ao queixo. Não quando ele a limpa sem restrições, sem o jugo do meu controlo. Não, não, *não*. O aperto que sinto no

peito chega a doer, e a minha mente grita a recusa, incapaz de compreender o que se passa, porque as minhas *irmãs*...

Tropeço para trás, horrorizada.

Não pode ser verdade. Não pode ser real.

Elas não podem estar *mortas*.

— Impossível — sibilo, e até aos meus próprios ouvidos pareço tresloucada. Presa.

Quando Constane se ri em resposta, viro-me e vejo Argonia no meio da multidão; vejo o seu cabelo ruivo, os olhos que roubaram o azul ao oceano e o sorriso que esculpe uma covinha na sua face, mas ela está... ela está no chão. *Porque* está ela no chão? Sinto a pressão a latejar atrás dos olhos quando vejo o sangue a jorrar do seu abdómen. Os seus olhos estão virados para cima, arregalados e vazios, fixos na noite sem estrelas.

— Impossível! — A palavra rasga a minha garganta num grito. Já não estou a cantar. Os meus pulmões parecem ceder, como se aquele buraco no abdómen dela fosse meu.

— Não — diz uma voz masculina desconhecida, calma e despreocupada. — Não é impossível para um feiticeiro.

Ele aparece segundos antes da sua arma. Asas brancas, tão altas e largas como a maior das entradas, desfraldam-se atrás dele, as pontas em ouro derretido, e o seu estranho e etéreo olhar em tons de dourado e prateado fixa-se no meu. Não parece ter sucumbido às nossas canções. As suas mãos estão tingidas de vermelho. O sangue das minhas irmãs. Sinto o meu coração a dilacerar.

— Olá, Aurelia do Sel. Sou o feiticeiro Arion Stone, e a minha voz é a última coisa que vais ouvir. — Ele crava uma espada de vidro na minha garganta. — Que o teu sofrimento seja tão grande como o das tuas irmãs.

Um corte. É quanto basta.

Uma dor aguda implode nos meus ossos, mas mal a sinto quando caio. Nem me importo de cair. Só vejo o vermelho nas suas mãos. Só sinto tristeza.

As minhas irmãs, as minhas irmãs, as minhas irmãs.

O mundo escurece e... o feiticeiro está enganado.

A última voz que ouço antes de morrer é a do rei, que ordena:

— Pendurem-nas juntamente com as outras.





CAPÍTULO UM

ZEPHYRA

— Isto é nojento.
— Então, talvez devesse comer um pouco de gengibre ou, melhor ainda, *sair daqui*.

— Eu não disse que ia vomitar. Eu disse que é nojento... e é mesmo. Há cadáveres ali dentro. Mortos há poucos dias. Por Sirens. Lembras-te? Diz-se que o sangue vai manchar o palácio para *sempre*.

— Lembra-me lá porque fizeste finca-pé para vir? — pergunta-me Vesper com uma expressão cada vez mais séria. A visão é quase tão perturbadora como ver o reino que se espalha atrás dela, com todas as suas arestas angulares e mármore brancos e brilhante. Antigo, fortificado e mortal.

Afinal de contas, talvez vomite mesmo. Mortia nunca foi um lugar acolhedor, muito menos para alguém como eu.

Se isto correr mal, acabou-se. Para todos nós.

Vesper dá dois passos à minha frente, e as tochas que estão no exterior do templo aumentam a sua sombra e pintam-lhe a pele escura com um tom de castanho ainda mais profundo. Ela cruza os braços por baixo do seu manto azul-escuro, e as pulseiras de prata que traz nos pulsos tilintam com o movimento. Azul-escuro a condizer com os seus olhos. Prateado a condizer com o cabelo. Apesar de tudo, ela está excepcionalmente bela para uma profanação de túmulo à meia-noite.

Não me importaria de lhe dizer isso mesmo, se ela não tivesse passado o caminho até aqui a arranjar desculpas para me mandar de volta para as ruas. Por mais ansiosa que me sinta, recuso-me a demonstrá-lo. Recuso-me a virar costas. O saque é avultado. Pode mudar a minha vida.

— Já te disse. Sou eu que tenho a chave.

O seu olhar afila-se e ela lambe os lábios. Obviamente, não vai ficar por ali.

— Mostra-nos.

— O quê? — Pisco-lhe os meus grandes olhos turquesa e passo as mãos pelos grossos caracóis cor de mel.

— Mostra-nos a porra da chave.

— A parte mais importante do trabalho em equipa é a confiança. Depois de três trabalhos juntos, pensei que confiarias mais em mim...

Vesper sobe mais um degrau, agora a meio caminho do templo.

— No primeiro trabalho — enumera, lentamente —, queimaste metade do nosso mapa e tivemos de avançar às cegas pelas caixas-fortes da joalheria enquanto éramos perseguidos por três soldados. No segundo trabalho, adormeceste quando devias estar a vigiar. No terceiro trabalho...

— No terceiro trabalho, explodiste os *meus* bebês — remata Stavros com a voz rouca, enquanto acarícia as bolsas de pólvora que tem nos braços com a mão pálida. Quase conto que ele dê um beijo no tecido áspero, mas, infelizmente, decide ser parco nas excentricidades. O bigode dele treme. As veias que se entrelaçam no seu pescoço grosso começam a latejar. Aproximo-me para lhe dar uma palmada no ombro. Mas quando ele me rosna, reconsidero as intenções de me mostrar empática com aquele amontoado de raiva de metro e meio e 135 kg e afasto-me rapidamente.

Tiro o punhal que trago à cintura e encosto-me a uma coluna enorme.

— Se me desprezam tanto, não deviam ter-me convidado.

— Tu é que te fizeste convidada — sibila Vesper —, porque dizes que tens a chave.

— *Confiança* não é apenas uma palavra de nove letras...

— Malta! Parem de discutir — diz Eos. — Temos três minutos até os guardas voltarem a passar pela parte da frente do templo.

Ela é a única que não me fulmina com o olhar, dirigindo a ira para a irmã mais velha. Vesper brinda Eos com um revirar de olhos.

— A Zephyra tem razão — prossegue Eos. — Só vamos conseguir fazer isto se trabalharmos *juntos*.

Esboço um sorriso rasgado e pisco o olho a Stavros em sinal de vitória, mas Eos tira-me o punhal da mão e enfia-o no cinto de ferramentas.

— Desculpa lá, fui eu que roubei isso. É meu.

Eos prende as tranças prateadas e intrincadas atrás das orelhas. Resoluta, ergue o queixo e sobe a escadaria grandiosa.

— Devolvo-to assim que tivermos desenterrado o nosso tesouro. Agora, trata de entrar antes que sejamos todos atirados para os calabouços.

Calabouços.

Estremeço.

Nem pensem que vou ser presa hoje. Fecho as mãos em punhos e as unhas turquesa cravam meias-luas na minha pele ligeiramente dourada. A dor chama-me à razão. Recorda-me o que deixei para trás, aquilo de que ainda estou a fugir. Não. Nunca mais volto para lá.

Subo as escadas à pressa e bato suavemente no ombro de Eos.

— Não dê ordens aos adultos.

— Tenho *17 anos*.

— És uma criança — digo-lhe. — Mas não faz mal. Gostamos de ti na mesma.

Eos resmungo em surdina, e sei que toquei num ponto sensível. Com 1,40 m de altura, bochechas de querubim e um corpo esguio como um esqueleto, Eos é constantemente confundida com uma criança. O que é muito útil quando precisa de roubar uma ou duas refeições para ela e para a irmã, embora ela nunca admitisse tal coisa. As pessoas não só prestam menos atenção às crianças, como são menos propensas a denunciá-las se forem apanhadas a roubar. É claro que Eos não é apanhada. Nem Vesper ou Stavros.

Nem eu.

Ofegante, atiro-me para dentro do templo com poucos segundos de margem. O ábaco protege-nos do clima, mas não temos paredes onde nos esconder. Em vez disso, nós os quatro encostamo-nos noutros tantos pilares de mármore distintos durante um minuto antes de nos atrevermos a espreitar.

Como seria de esperar, quatro guardas estão de vigia, de costas para nós. Daqui a 18 minutos, darão início à sua ronda, separando-se e seguindo para o lado sul. Teremos de descer rapidamente para a antecâmara se quisermos assaltar o templo e sair antes que eles percebam que estivemos aqui.

— Estátua — sussurra Stavros, numa voz tão ténue como a brisa de verão. Torce o bigode seis vezes para dar sorte. — Em três, dois...

Um, termino eu.

Corremos para a enorme estátua que está no meio do templo com passos silenciosos. Sem meias. Sem sapatos. O silêncio é tão necessário para estes trabalhos como a pólvora e os punhais. Vesper pode pensar que sou

uma amadora, mas consegui roubar o suficiente para me manter longe do mar durante mais de meio ano. Ninguém leva isto mais a sério do que eu. Porque se for apanhada...

Se for apanhada, isso não vai implicar necessariamente um enforcamento rápido na cidade.

Se for apanhada, *ele* virá atrás de mim. E todo o progresso que fiz, toda a liberdade que roubei, tudo isso terá sido em vão.

Vesper chega primeiro ao destino e puxa Eos atrás de si. As duas agacham-se atrás de um par de asas de carvão esculpidas. Junto-me a elas e encosto-me a um oblíquo impressionante. A minha mão escorrega com o suor e, sem querer, acabo por acariciar as nádegas de pedra do deus mais venerado de Mortia.

Mortem.

O deus da morte; o primeiro e maior traidor da espécie sirénica.

Ainda penso em tirar o punhal do cinto de Eos para o cravar naquela racha descomunal, mas Vesper agarra-me o pulso com uma força surpreendente.

— Não, Zephyra — sussurra, num tom tão baixo que é quase impercetível. — Eu conheço esse olhar. Não faças nada imprudente.

Imprudente.

A palavra abate-se sobre mim como uma corrente perigosa, ameaçando puxar-me para baixo. Mas pisco os olhos rapidamente, apagando a memória amarga antes que ela me afogue. Não aqui. Não agora. Não quando temos um saque de ouro à nossa espera.

Se sobreviver a esta noite — se *todos* sobrevivermos a esta noite — deixará de haver motivos para nos preocuparmos com traumas e sofrimento. Teremos dinheiro suficiente para seguir caminhos separados, para bancar estilos de vida moderadamente luxuosos em qualquer cidade ou reino. Quero mudar-me para as montanhas, para o mais longe possível do mar, e comprar uma cabana com uma cama a sério. Almofadas a sério e talvez até um fogão. Acabaram-se os dias a vasculhar o lixo em busca de restos de comida ou a dormir no calcário duro de becos escuros e sujos. Vou comprar uma casa e parar de fugir. Nunca mais terei de me esconder ou fingir. Ficarei segura.

Livre.

Minha deusa. Está tão perto que quase lhe sinto o gosto. O sabor a frutos silvestres doces e maduros colhidos num jardim onde mais ninguém



pode entrar. Limpo as mãos às calças de linho e concentro-me no momento presente. No templo e nos meus três companheiros que me olham com as mãos estendidas.

Porra. O que é que me escapou?

— Hã... olá — digo sem entusiasmo.

Vesper olha para o teto.

— A *chave*, Zephyra.

Ah, pois. Esboço um sorriso cândido, o que suscita um gemido a Eos.

— Sabem, é que... não consegui trazê-la.

— O *quê?* — pergunta Stavros. Os seus bíceps estrangulam as suas preciosas bolsas, e uma parte da pólvora escapa pelas aberturas. — Onde está a chave?

Afasto a mão da Vesper.

— Eu tentei, sabem? Mas o ataque das sereias foi há apenas quatro dias. O palácio está repleto de guardas, soldados e carrascos, e o rei Constane está em alerta máximo para qualquer tipo de traição. Os soldados receberam ordens para prender qualquer indivíduo suspeito sem direito a julgamento. Estavam à espera que seduzisse o Sumo Sacerdote nas barbas deles?

Vesper lança-me agora um olhar furioso, e Eos nem tenta demovê-la. Incisiva como um punhal, Vesper diz:

— Não podes seduzir o Sumo Sacerdote, ponto final. Os sacerdotes e sacerdotisas de Mortia fazem voto de silêncio eterno e celibato em honra de Mortem. Devias saber *disso*.

Pisco-lhe os olhos.

— Ah. Pois... ainda bem que não pude tentar.

Vesper parece prestes a estrangular-me.

— És inacreditável. O que vieste aqui fazer se não tens a merda da chave?

É um argumento válido, mas nunca na vida deixaria passar esta oportunidade.

— O meu contributo para o grupo não se limita a uma chave.

— Não vejo provas disso.

Afilo o olhar.

— Quem é que vos disse que o principal joalheiro do rei estava a transferir inventário há três meses? Quem encontrou os registos do naufrágio que vocês saquearam?

Vesper parece prestes a explodir, com as faces muito coradas.



— Não és e *nunca* foste membro deste bando. Encontrei-nos numa taberna e colaste-te a nós. Permitimos que nos ajudes...

— Duzentos e vinte seis — sibilo. — É essa a quantidade de dinheiro que ganhámos nos últimos meses. Eu *ajudei* e muito. O Stavros pode ter gizado este plano específico, mas isso é porque está ansioso para fazer explodir o seu mais recente carregamento de pólvora. Estou aqui para garantir que tudo corre bem e que conseguimos roubar as joias.

— É verdade — responde Stavros, com sinceridade. — Quero mandar tudo pelos ares.

Esboço-lhe um sorriso, e *ele* pisca-me o olho.

Um gesto estranhamente desconcertante, visto que ainda afaga a sua preciosa pólvora. Pelo menos, está do meu lado. Vesper abana a cabeça. Ainda não convencida.

— Esta é a quarta vez que metes o pé na argola. Se formos apanhados...

— Não vamos ser apanhados.

— És um risco — retruca Vesper, em surdina.

Sinto o pânico a apertar-me os pulmões. *Imprudente. Um risco.* É uma narrativa familiar.

Já me condenou mais vezes do que aquelas que consigo contar. Atiro os cabelos loiros e crespos para trás do ombro e levanto o queixo; sinto a minha própria pele a corar de amargura.

— Tens um *cabelo* tão interessante, Vesper — sussurro. — Acho que nunca vi esse tom de loiro. Quase parece... prateado à luz.

Um músculo treme-lhe no maxilar. Ela franze as sobrancelhas de um prateado quase sobrenatural.

— Talvez por ser *natural*, algo que desconheces por completo. Verdade, Zephyra? — Ela estende a mão para o meu cabelo, mas afasto-a com uma palmada.

Felizmente, Eos intervém antes que eu tenha oportunidade de me atirar à irmã dela e possivelmente denunciar a nossa posição.

— Parem com isso. As duas!

Encaro-a, ainda a tentar decidir qual será o meu próximo insulto, quando o meu olhar se desvia para os nossos pés.

Aha. É isso.

Inclino a cabeça, forço um sorriso sereno e pestanejo para Vesper.

— E o que faz a tua irmãzinha aqui se não for por isto? — Aponto com dedos delicados para a minha nova descoberta.

Uma conduta de ventilação com menos cinco centímetros de largura do que os ombros de Eos está entre nós, mesmo ao lado do buraco da fechadura que normalmente abriria a escadaria secreta.

— A Eos pode descer — digo — e abrir a escadaria. Se não perder tempo, conseguiremos terminar o trabalho nas costas dos guardas. — Passo a língua pelos dentes quando Vesper me encara, incapaz de pensar numa resposta torta. — Veem? Sou *útil*.

— Não sei se és um génio ou se tens uma sorte do caraças — diz Stavros, com a monocelha franzida em sinal de concentração.

Encolho os ombros.

— As duas coisas.

Vesper suspira. Depois de decidir que já não vale a pena discutir comigo, vira-se para Eos e pergunta:

— Consegues passar?

Eos examina a conduta de ventilação. Levanta a grelha de metal com o meu punhal e passa os dedos pelas bordas lisas.

— Teoricamente, sim. Não parece ser muito difícil.

O olhar de Vesper brilha com uma raiva normalmente reservada para filhas imprudentes em vez de irmãs cautelosas.

— Se voltares a deslocar o ombro...

Eos bufa.

— Não me vai acontecer nada, Ves.

Vesper franze o sobrolho, descrente.

— Não há saque nenhum que valha a tua segurança.

— Vês, eu *consigo*. Sou uma profissional, lembra-te? Não há ninguém mais pequeno e magro em toda a Mortia. — Eos franze o nariz e começa a balançar as pernas sobre a abertura. Concentra-se como é seu costume, com a língua a espreitar por entre os lábios. Os pés deslizam primeiro. As coxas nem sequer tocam nas laterais. — Fácil — murmura. — Vai ser canja.

Vesper prende a respiração, os nós dos dedos ficam brancos enquanto se agarra à asa de Mortem em busca de apoio. Mas a pedra lasca e ela olha para a mão. A súbita perceção de que está a tocar na estátua do Deus da Morte e a parti-la fá-la abrir a mão. Exala um suspiro irregular e olha novamente para a irmã.

Eos agarra o mármore com mãos e antebraços confiantes, os bíceps contraídos à medida que desce cada vez mais para dentro do buraco. O seu tronco desaparece a seguir. Depois, o peito. Ela sorri triunfante por um



instante antes de a boca se contorcer num esgar. Um gemido de dor escapa-lhe dos lábios. Não consegue passar os ombros. Não *consegue*.

— Merda — resmunga, enquanto se contorce para tentar aliviar a pressão do ombro lesionado.

— Guarda daqui a onze — diz Stavros, a controlar o tempo de uma forma que parece quase mágica. Ajusta a pólvora nos braços e levanta-se. — É agora ou nunca.

Vesper olha cautelosamente para nós enquanto Eos solta outro gemido. Não consigo perceber se ela está a avançar ou se está ferida. Já devia ter caído na antecâmara há alguns segundos. Se ficar presa... se os guardas nos encontrarem aqui...

Olho para os cabelos prateados e engulo em seco.

— Eos — diz Vesper, de repente —, deixa-me tirar-te daí.

— Não. — Eos contorce-se e morde os lábios para conter mais palavrões enquanto o corpo dela se contrai de uma forma nada natural. — Malditos ombros largos.

Fico a olhar para Eos. Em muitos aspetos, ela é mesmo uma criança. Pequena, de olhos brilhantes, cheia de esperança. Se os guardas a apanharem, será o seu fim.

— Tentamos noutro dia — digo, inclinando-me para ajudar Vesper a arrastar Eos para fora. Ela olha para nós com raiva.

— *Não*. Eu consigo. — Procura o olhar da irmã. — Vamos deitar mão ao saque e vamos sair deste pardieiro. Está bem? Eu consigo *fazer isto*.

Fecha os olhos e volta a deitar a língua de fora. Com um *argh* pouco delicado, enfia uma mão dentro da conduta e força-a para trás das costas. Isso dá-lhe os poucos centímetros de que precisa, e os olhos abrem-se num sorriso triunfante.

— Vemo-nos lá em baixo — sussurra, e depois deixa-se cair.

Segue-se um baque quase impercetível e Vesper exala um alívio palpável. Eu também. Com a respiração pesada, afastamo-nos da estátua, ansiosamente à espera de que a escadaria se revele. Ela lança-me um olhar fulminante pelo canto do olho azul-escuro, e eu percebo que, desta vez, a frustração dela não é culpa minha. Pelo menos, não *toda*.

— Se algo acontecer à minha irmã — murmura Vesper —, mato-te, Zephyra. Entendido?

— Mandamos tudo pelos ares — concorda Stavros.

Vesper acena com a cabeça, sem tirar os olhos de mim.

— Sim. Vamos mandar tudo pelos ares.



CAPÍTULO DOIS

ZEPHYRA

Em Mortia, os plebeus falecidos são queimados em piras ao longo de muros que se estendem de continente a continente, a fim de proteger a humanidade de atravessar mares infestados de sereias. Já os nobres são enterrados sob o Templo de Mortem numa antecâmara especial abençoada tanto pelo Sumo Sacerdote como por um feiticeiro ancião em cerimoniais fúnebres elaborados. Quando o chão estremece e a entrada para a escadaria se abre, graças a Eos, o cheiro amargo a licor e o aroma doce a saís da divindade — *drogas* — confirmam todos os rumores que ouvimos sobre aqueles rituais indulgentes. Quase parece pouco higiênico abrir a porta.

— Cheira a sexo — diz Stavros, enquanto tapa o nariz com a pólvora.

Não discordo. Nem Vesper, embora ela continue a rastejar em direção à tranca. Estende-se por seis grandes ladrilhos de mármore, e ela desliza dois dedos por baixo da fenda para a puxar e abrir completamente. Quando o faz, liberta outra rajada de ar nauseabundo, este com um cheiro forte a podridão. Só a custo é que não vomito.

— Eos? — sussurra a Vesper. — Estás bem?

Não há resposta.

— *Eos*? — repete, desesperada.

Silêncio.

O meu estômago revira-se com a ansiedade.

— É muito fundo. Provavelmente, ela não consegue ouvir-nos lá em baixo.

Mas mesmo enquanto digo as palavras, sei que pode não ser assim. Nenhum de nós assistiu alguma vez ao funeral de um nobre, nem entrou

nestas criptas. Mas ouvimos histórias — histórias de terror sobre festividades que roçam o hedonismo lá em baixo. E embora tenhamos visto uma procissão de nobres bêbados a emergir desta mesma escadaria no início da noite, não sabemos se não ficou algum para trás. Não *sabemos* o que nos espera lá em baixo.

Stavros agarra no braço de Vesper antes que ela possa descer para a escuridão.

— Não te preocupes, Vesper. Se a tua irmã estiver ferida, havemos de nos banhar no sangue daquele que lhe fez mal.

Vesper encosta a palma da mão à face dele.

— Obrigada, Stavros.

Ela inspira profundamente, e depois desce. Stavros segue imediatamente atrás. Não sei porquê, mas vê-los a desaparecerem juntos — sempre em unísono, em perfeita sincronia — enche-me de uma inquietação inexplicável. Arrepia-me os cabelos da nuca e faz-me hesitar. Apenas por um segundo.

Não és e nunca foste membro deste bando.

A relação deles sempre me pareceu estranhamente intensa, e não de uma forma particularmente romântica. Os dois partilham uma tenda com Eos, montada entre dois edifícios em ruínas, e usam roupa rasgada e ramos de cipreste como toldo improvisado, e Stavros não dorme. Em vez disso, vigia-as. Há três noites, quando tentei entrar para dar a notícia do massacre das Sirens no baile de máscaras, Stavros deitou-me ao chão e enfiou-me um pano na boca antes mesmo de eu conseguir gritar. Ele quase me deitou fogo.

Afasto a hesitação e avanço, ignorando aquela sensação de aperto e coichão na pele.

Não consigo imaginar o que passaram juntos, ou o que Stavros fará se acontecer algo a Eos. Não consigo imaginar o que *eu* farei. Não faço parte do bando há muito tempo — e é evidente que nem sempre sou bem-vinda — mas Eos é a melhor de todos nós. O seu sorriso radiante. O seu riso cristalino. Deu as suas últimas três moedas a uma idosa, só para que esta pudesse alimentar o seu cão. Nenhum de nós jamais fará melhor — *será* melhor — do que Eos.

Ela é a única que acredita em mim.

Rezo à deusa pela segurança de Eos, sigo Stavros pelos degraus silenciosos e fecho a tranca atrás de mim.



Stavros acende um fósforo no queixo, e a súbita explosão de chamas ilumina a antecâmara com um contraste nítido. Graças à deusa. Detesto a escuridão. Não. Detesto as coisas que se *escondem* na escuridão.

O silêncio pressiona-nos enquanto nos viramos, à procura de qualquer sinal da irmã de Vesper na humidade fria do arenito esculpido e dos sedimentos. Por fim, incapaz de aguentar, sussurro:

— Eos?

— Eu... não a vejo. — Vesper vira-se rapidamente para as escadas, com o pânico a estrangular-lhe a voz. — Talvez ela tenha voltado a subir. Talvez não a tenhamos visto.

— Impossível. Ela não tem magia — discorda Stavros, com um firme abanar de cabeça.

Vesper ignora-o, e espreita para as sombras das escadas.

— Eos? Eos, *por favor*...

— Bu! — Eos salta de trás da escadaria, com um sorriso provocador a iluminar-lhe o rosto angelical, e eu apanho um susto de morte. Os seus olhos azuis brilham com malícia. — Haviam de ver as vossas caras. Assustei-vos?

Vesper leva a mão ao coração, o olhar dela enche-se de lágrimas de alívio, enquanto Stavros cambaleia um passo para trás e quase cai numa pilha de pólvora. Atiro as mãos ao ar com um silvo exasperado.

— Mas que raio, Eos!

— É o que mereces por dizeres que sou uma criança — canta ela, docemente.

Uma onda de nervosismo inflama-me o peito — pela escuridão, pela missão, por Stavros, por Vesper e por Eos com as suas brincadeiras *hilariantes* de merda — e a bÍlis queima-me a língua. Engulo em seco para conter a raiva.

— Não teve graça nenhuma. Pensámos que tinhas morrido.

Pela primeira vez, Vesper concorda comigo. Aproxima-se de Eos e puxa-lhe com força uma das tranças, com uma expressão mais gélida do que as paredes à nossa volta.

— Mais uma gracinha dessas e vais desejar ter morrido. Sabes o perigo que corremos aqui em baixo? Se nos encontrarem aqui... se te *apanharem*... — A voz de Vesper quebra-se num soluço crescente, e o seu toque torna-se mais terno à medida que acaricia as tranças prateadas de Eos.

Talvez consigam fazer passar o cabelo por loiro nas ruas. Talvez nenhum plebeu repare no que escondem os seus capuzes e capas, desde que elas não arranjam problemas. Mas o rei — os guardas e soldados — não serão tão desinteressados. Nem tão gentis.

Estico a mão e acaricio um dos meus caracóis loiros, com a garganta ainda apertada de raiva... e não só.

— Vamos tratar de encontrar os cadáveres recentes e sair daqui.

— Este lugar é mau — diz Stavros sem rodeios, com a sua voz grave e rouca, antes de começar a avançar em direção à parede do fundo.

Sigo atrás dele, ansiosa para seguir a luz. Ansiosa para evitar a escuridão e as terríveis memórias que ela esconde.

— Não podia estar mais de acordo, grandalhão.

Mesmo assim, este lugar... é muito diferente da prisão de onde fugi. Muito diferente da estrutura em adamantite com paredes negras e irregulares e frontões afiados. Esta câmara é lisa. Plana. Ampla até onde a vista alcança, mas *aberta*. Faço um esforço consciente para que a minha respiração permaneça leve e regular. Calma. Porque não há nenhum castigo escondido nestas alcovas sombrias. *Ele* não está aqui.

Mas não deixa de haver escuridão. Não deixa de haver silêncio. O meu coração bate loucamente na minha caixa torácica, implorando-me para fugir. Para escapar. Este lugar pode não ser a prisão dos meus pesadelos, mas continua a ser *perigoso*.

O teto é baixo sobre as nossas cabeças, pressionando-nos como se quissemos lembrar-nos que estamos debaixo da terra — *nós* — onde não pertenceríamos mesmo que o acesso não estivesse vedado aos plebeus. E os arquitetos certamente não facilitaram a nossa invasão. Há apenas uma entrada; portanto, há apenas uma saída, e a câmara é tão extensa que temos de andar, andar e andar antes de chegarmos a qualquer lado.

E andamos. Consigo pisar apenas duas vezes o calcanhar de Stavros. À terceira, ele vira-se para me rosnar, e eu obrigo-me a sorrir, a abrandar e a deixar mais espaço entre nós. O seu fósforo lança uma luz tremeluzente sobre a parede ocidental, onde murais pintados em tons de carmesim retratam a Morte em todas as fases divinas da sua existência celestial. Um novo deus com asas abertas, braços estendidos em direção à luz do sol enquanto sorri serena e pacificamente, com os três irmãos divinos ao seu lado. Depois, mais velho, com um grande reino a erguer-se por cima dele enquanto enxuga o suor da testa forte. Contemplativo. Sábio. *Poderoso*.

E, por fim, Mortem ajoelhado aos pés de um estrado, com o coração nas mãos enquanto uma segunda imagem dele — uma sombra de si mesmo — flutua por um rio gelado.

Solto um riso amargo entredentes. Mortem criou o submundo — as Profundezas — só depois de ter caído. Depois de ter massacrado inocentes e incinerado metade do mundo.

Agora, todos, humanos ou sereias, têm de responder perante Mortem quando morrem.

É por isso que este reino celebra Mortem de forma tão ruidosa, tão efusiva. É por isso que os nobres são enterrados dentro do seu templo. É por isso que os ricos envergam as suas joias e insígnias mais preciosas antes de serem encerrados nestas mesmas paredes. Tudo na esperança de impressionar — *subornar* — o renomado deus deles.

Os humanos são uns otários de merda.

— Não sei onde enterraram os corpos, mas não foi aqui. — Aponto para cada uma das caras odiosas de Mortem ao longo do mural. — Eles não profanariam este sacana.

Além disso, não há indícios de que esta parede tenha sido reconstruída nas últimas horas.

— Horrível. — Vesper olha para as pinturas comigo. — Seria de esperar que alguém neste maldito reino percebesse que Mortem era um cretino selvagem.

Reteso os músculos. Olho para ela pelo canto do olho. Esta é a conversa mais sincera que já tivemos uma com a outra. E embora saiba que nunca diremos as nossas confissões mais sinceras em voz alta, não consigo deixar de acrescentar:

— Acho que estão tão fartos de lamber o cu ao Mortem que já dizem que a merda dele cheira a sal da divindade. Borrifam-se para a verdade. Têm demasiado medo.

Podem fingir que é respeito. Reverência. Mas o Reino de Mortia mudou de nome *depois* de ele ter criado as Profundezas — quando os mais ricos começaram a preocupar-se com o que seria a eternidade num lugar como aquele. Com Mortem no trono, o que mais poderiam fazer senão ajoelhar-se aos seus pés? Não, Mortia não venera Mortem por deferência.

Veneram-no por medo.

— Cobardes — diz Stavros, fazendo eco dos meus pensamentos. — Mortem é um otário.

Eu e Vesper viramo-nos para ele, igualmente surpreendidas. Pelo que sei, Stavros cresceu aqui, nasceu e foi criado nas ruas da capital do reino, Crestfall. É apenas um humano — embora seja um humano muito grande, muito largo e muito explosivo. Perante as nossas expressões de choque, ele sorri e pisca-nos o olho.

A reação é tão inesperada, tão *encantadora*, que não consigo evitar o riso. Vesper faz o mesmo. Ao ouvir o som, Eos solta uma gargalhada, e as nossas três vozes não demoram a elevar-se juntas em risos, colidindo com o mural e ecoando pela câmara vazia. Só então é que me apercebo do quanto os nossos corpos ficaram tensos, do quanto o nosso próprio medo é debilitante à sombra de Mortem. *Este lugar é mau*, dissera Stavros, e tinha toda a razão.

Pelo menos, eles estão aqui comigo. O pensamento surge espontâneo, e quando Eos avança para nós logo a seguir — para as *duas*, caindo contra o corpo da irmã e enxugando lágrimas de felicidade na ponta desfiada da minha manga — uma sensação de calor borbulha dentro de mim. Um pouco desconfortável e certamente estranha, mas... agradável.

— Desculpem — expludo. — Devia ter-me esforçado para conseguir a chave. Quase estraguei tudo.

Não sei porque o digo, mas talvez seja por Vesper estar a sorrir para mim. Ou talvez seja por *alguém* estar a sorrir para mim. Nunca ninguém sorri para mim.

Vesper encolhe os ombros perante a minha confissão, como se de repente isso já não fosse importante nem a afetasse.

— Nenhum de nós queria infiltrar-se no palácio. Tu ofereceste-te. Não resultou. Mas ainda assim conseguimos chegar até aqui.

— Continuamos a avançar — concorda Eos.

— Sempre a avançar — reforça Stavros.

— Okay — digo.

Outro sorriso. Dela, de Eos, de Stavros. Quase como se, neste momento, fôssemos mais do que um bando. Fôssemos uma família.

Até deixarmos de ser.

O momento acaba mais depressa do que começou. Vesper pigarreia e afasta-se. Stavros acende um segundo e um terceiro fósforos. Eos endireita-se e sacode a capa azul esvoaçante antes de sair disparada para continuar a nossa busca.

Algures nesta cripta esquecida pela deusa está um túmulo recente cheio de cadáveres de foliões, provavelmente ainda com as suas máscaras





elaboradas, e quanto mais depressa os encontrarmos, mais depressa poderemos sair daqui.

Claro que isso não nos impede de aproveitar as oportunidades pelo caminho. Quanto mais avançamos para o interior da câmara, mais ouro vemos a brilhar à luz do fósforo de Stavros. Contornamos plintos e pedestais enquanto procuramos, arrecadando moedas de ouro, incenso e pedras preciosas — tudo oferendas a Mortem por parte dos falecidos. Esvazio um prato com caramelos no cinto que trago à cintura. Stavros pega num cálice de prata e enfia-o no bolso. Um bom saque, mas nada comparado com o que estará nos próprios corpos. As minhas mãos fecham-se e abrem-se, e os nós dos dedos estalam numa ânsia desmesurada. *Estamos tão perto. Tão perto, porra.*

— Tempo? — pergunta Vesper a Stavros.

— Sete — responde ele, secamente. — Seis, se não tivermos sorte.

— Não costumamos ter — murmura Vesper.

À medida que nos aproximamos da parede oriental, o cheiro terroso de argamassa fresca torna-se mais presente.

— Encontrei — diz Eos, passando um dedo pela lama espessa. Vira-se e sorri-nos, uma pilha de tijolos de calcário empilhados à pressa atrás dela. Ainda molhados. Ainda frescos.

— Devemos conseguir desmontá-los. Só vão dar conta quando morrer o próximo nobre, e nessa altura já estaremos muito, muito longe — digo eu.

— No paraíso — diz Vesper. — Stavros, podes começar a...

Ele não precisa que ela termine a frase. Avança furiosamente em direção à parede e dá um soco forte no tijolo do meio, que explode instantaneamente, fazendo um buraco para o outro lado. Em seguida, ele enfia a mão gigante na abertura e começa a arrancar os tijolos restantes. Em 30 segundos, já destruiu o suficiente para que Eos consiga passar. Mais 30 segundos e um quarto da parede já desapareceu.

— Primeiro as senhoras — anuncia com um amplo gesto de braços. Faz uma vénia e abana as sobrancelhas, acenando para que eu e Vesper avancemos. Como sempre, quando avanço, ele desliza e põe-se à minha frente. — Eu disse *senhoras* — declara, dando prioridade a Vesper.

Lanço-lhe um olhar de raivoso, ignorando a centelha de mágoa que se forma no meu peito. Porque não é mágoa. É *irritação*, face à percepção de que qualquer momento que possamos ter partilhado anteriormente foi claramente fruto da minha imaginação.

— As piadas perdem a graça se as repetires 20 vezes.

Stavros abana a cabeça enquanto o fósforo se apaga, mergulhando-nos novamente na escuridão fétida. Ele ri-se enquanto procura outro fósforo na mochila.

— Esta piada é intemporal. Pergunta à Vesper. Ela ri-se sempre.

Embora a minha respiração falhe, faço um esforço para a estabilizar. Cerro as mãos para impedir que se estendam em direção a alguém, seja quem for, para me apoiar no breu.

— Ela rir-se-ia de um repolho se o atirasses à minha cabeça.

— Porque será? — atira Vesper ao entrar na câmara funerária. — Aposto que não tem nada que ver com os dois colares de rubis que nos fizeste perder na semana passada, *ou* com o dia em que tivemos de fugir para os esgotos. Fiquei semanas com aquele cheiro entranhado. Não que tu saibas. Viraste costas e abandonaste-nos assim que a coisa deu para o torto.

Ignoro as palavras dela e esboço um sorriso determinado enquanto me esgueiro para dentro do sepulcro atrás dela. Não sei como, mas esta câmara parece ainda mais escura. O silêncio é absoluto. Para evitar implorar a Stavros para se apressar com o fósforo, digo jovialmente:

— Sabes que mais? Acho que gostas de mim, Vesper. Gostas tanto de mim que é mais fácil odiar-me. És como a filha de um agricultor que tem medo de dar nome ao leitão.

— E, nesse cenário, tu és o porco? — O braço dela roça no meu enquanto Stavros murmura um palavrão, ainda a vasculhar a mochila. — Nesse caso, concordo.

— Tu gostas de mim.

— Tolero-te.

— Vais sentir a minha falta depois disto.

Os seus lábios tremem. Quase como se começassem a desenhar um sorriso.

— Nunca mais me vou lembrar de ti.

Sorriso em tom de gozo com um ligeiro sorriso.

— Não me admiraria nada se pegasses na tua parte do saque e construísse uma cabana mesmo ao lado da minha...

Uma mão fria tapa-me a boca, cortando-me a palavra. Sinto o estômago às voltas. O instinto toma conta de mim, brutal e assustador, e agarro no pulso da pessoa, torcendo-o com força antes de a atirar ao chão. Mostro os dentes e deslizo a mão para a garganta dela com um grunhido.

Claro que é nesta altura que Stavros encontra o fósforo. Acende-o no maxilar e revela...

— Zeph... Zephyra — Eos sufoca debaixo de mim, com os olhos arregalados e assustados enquanto me arranha o braço. — Sou eu. Sou só eu.

Solto-a de imediato, como se tivesse tocado num fogão quente, enquanto Vesper se lança na nossa direção e rosna.

— Que merda é esta, Zephyra?

Porra. Alterno o olhar entre as duas antes de ajudar Eos a levantar-se apressadamente.

— Desculpa. Eu... não te conseguia ver.

Mas agora consigo vê-la. A esta distância, à luz fraca e dourada do fósforo de Stavros, consigo distinguir o branco dos seus olhos. Consigo ver um lampejo momentâneo de medo enquanto franze o sobrolho. *Merda, merda, merda.* A minha boca abre-se, fecha-se, enquanto procuro qualquer coisa para dizer, qualquer explicação razoável que não revele o caos que habita dentro de mim. *É este lugar,* tento convencer-me com veemência. *É esta escuridão.* Cada nervo do meu corpo está tenso, os cabelos da nuca eriçam-se, e mesmo agora, não consigo evitar olhar à minha volta enquanto procuro as palavras certas para dizer.

Felizmente, não preciso de as encontrar.

Infelizmente, é porque agora nas sombras à nossa direita... *se mexe.*

Vesper vê o mesmo que eu. Rápida como um relâmpago, saca de uma faca enquanto Eos tenta chegar ao seu — *meu* — punhal. Sustenho a respiração e cerro os punhos à minha frente, ansiosa para sentir uma arma na mão à medida que os meus olhos se habituem lentamente às silhuetas de esqueletos que cobrem o chão. Ossos. Crânios. Podridão. Manchas de sangue. Parece tudo normal numa cripta, mas não há dúvida de que algo se mexeu. Vesper sibila.

— Mas que porra...?

Sigo o olhar dela, sem perceber o que está a ver até que algo se mexe novamente. Parece ser em tudo semelhante aos restantes cadáveres, esquelético e envolto em negro, só que este... A minha garganta aperta-se de repulsa, o meu estômago revira-se. Este ondula e... *sorve.* Stavros levanta o fósforo, e a luz incide sobre...

Foda-se.

Uma espécie de fantasma num manto pesado está a devorar a carne de um cadáver recente.

Sobressaltado, Stavros deixa cair o fósforo. Este silva e esfuma-se ao cair entre as costelas de um esqueleto antigo, apagando-se numa brasa vermelha. *Não.*

Pestanejo rapidamente, mas a minha visão não consegue adaptar-se com a rapidez suficiente para acompanhar os movimentos da criatura, e a luz continua a apagar-se. *Pestanejo.* A criatura parece levantar-se. *Pestanejo.* Ela atravessa a sala. *Pestanejo.* Um sopro gelado lança flocos de neve para as nossas caras, e os nossos pés começam a congelar no chão. Levanto os meus e tropeço para trás contra a parede mais próxima. *Não, não, não...*

Eos grita.

A criatura voltou a sua atenção para ela, e está suficientemente perto para lhe lambe a cara, apesar de não haver um rosto por baixo do capuz. Apenas uma máscara oca de porcelana cor de marfim. Órgãos pendem da abertura, emaranhados e ensanguentados. A criatura estende um braço. Estende-o na direção *dela.*

— Afasta-te da minha irmã, cabrão! — Vesper lança-se contra o espectro com a sua faca, mas este esquiva-se rapidamente, e ela cai no chão.

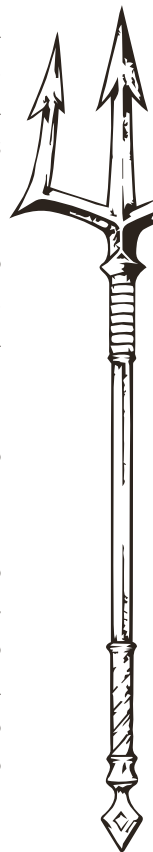
Reajo sem pensar.

Horrorizada, atiro o fósforo quase apagado em direção à criatura, que o desvia com uma velocidade sobrenatural, antes de se lançar na *minha* direção. Merda. Engulo um grito e mergulho para o lado enquanto a sua mão com garras arranha a parede de pedra atrás de mim, mas o *fósforo...* pega fogo às vestes do cadáver meio devorado logo a seguir. Arregalo os olhos ao ver o fogo deflagrar, enquanto a criatura grita em surpresa e o gelo no chão derrete com a súbita explosão de calor.

Calor.

As peças encaixam-se antes de conseguir compreender totalmente o que isso implica. Arrasto-me na direção de Stavros enquanto a criatura se vira para me seguir com um som horrível e estridente. Como se estivesse a respirar profundamente. Como se estivesse... a procurar o meu cheiro.

— Stavros! — O meu grito ecoa na câmara, demasiado alto, enquanto Vesper atira a faca contra o espectro e a lâmina se crava profundamente no seu peito. Mas ele não hesita. Limita-se a retirar a lâmina, deslizando-a para fora do corpo — sem sangue, sem reação — antes de a atirar de volta para Vesper num movimento fluido. Ela não consegue desviar-se a tempo. Os movimentos dela parecem estar em câmara lenta, como se estivesse presa numa lama espessa. O punhal perfura-lhe o pé esquerdo. O seu grito



quase abafa a minha voz enquanto agarro o braço de Stavros e o abano, impedindo-o de se atirar à criatura.

— Boom! — digo-lhe, freneticamente.

Ele desvia o seu olhar furioso de Vesper e da criatura que se aproxima dela com respirações famintas e ofegantes.

— Boom?

— Sim, Stavros. Esta é a altura de mandares tudo pelos ares. — Agarro no manto de Eos quando também ela corre para ajudar a irmã. Porque a única maneira de a ajudar agora — de ajudar *qualquer um* de nós — é matar esta aberração e fugir. — Bum.

Com um aceno rápido, Stavros tenta, com dificuldade, acender outro fósforo, enquanto eu empurro Eos para trás de mim. Baixo-me e apanho um crânio, atirando-o em direção à criatura para chamar a sua atenção. O crânio atinge o lugar onde deveria estar a cabeça, e o espectro sibila novamente, virando a assustadora máscara cor de marfim na minha direção. Inspira novamente. Uma inspiração longa e profunda que me provoca um arrepio de pânico.

— Agora, Stavros!

Ele pragueja baixinho quando se atrapalha, deixa cair o fósforo e... ficamos sem tempo. Sem pedir autorização, agarro na bolsa de pólvora e atiro-a para trás da criatura, apontando-a ao cadáver meio devorado, agora em chamas.

O túmulo explode.

Stavros empurra-nos, a mim e a Eos, para o chão à medida que pedras e detritos chovem sobre as nossas cabeças, antes de mergulhar para Vesper, protegendo-a o melhor possível. O calor das chamas roça-me a cara. A ponta de uma das tranças prateadas de Eos pega fogo, mas apago-a rapidamente, enquanto vasculho o seu rosto em busca de sinais de ferimento no meio dos escombros. Um corte na testa sangra copiosamente, mas, fora isso, ela parece estar bem. Melhor ainda. *Viva*. Contorço-me com a dor aguda que sinto no meu lado e tento sentar-me, com os ouvidos a zumbir, enquanto grito:

— Estão todos bem?

— Estou ótima — diz Vesper com os dentes cerrados, praguejando quando Stavros arranca a faca que estava cravada no seu pé, enquanto tira o braço que ficou debaixo de uma pedra particularmente pesada. — Por favor, diz-me que o matámos.

Como se fossemos um, voltamo-nos ao mesmo tempo para a forma escura atrás dela, com a túnica coberta de pó da explosão. Não se mexe. Não se levanta. Mesmo assim, ninguém parece disposto a aproximar-se, por isso solto um suspiro áspero e obrigo-me a rastejar para mais perto, rezando a Vila para que a criatura esteja morta. *Por favor, diz-me que estás morto.* Eos e Stavros aproximam-se sorrateiramente por trás de mim e juntos, olhamos para os restos do espectro.

Só que não resta absolutamente nada.

Nada, exceto o seu manto, que jaz vazio ao lado da sua máscara. Não há corpo, nem sangue, nem ossos, e essa sensação de pavor só se intensifica à medida que a compreensão toma conta de mim. A criatura não está morta. Está simplesmente... desaparecida. Como se nunca tivesse existido.

Com dedos trémulos, pego na máscara e examino-a mais de perto. Não parece ter as habituais características animais dos mascarados de Mortia. Na verdade, não tem *quaisquer* características. Está oca. Simples, de uma forma inquietante e vazia. Sinto um arrepio repentino percorrer os meus ombros.

— Acham que a explosão passou despercebida?

— Os guardas passam por aqui em dois — diz Stavros, puxando violentamente as orelhas. Provavelmente, para dissipar o zumbido. — Acho pouco provável.

— Estamos lixados — sussurra Vesper.

Eos estremece atrás de mim, incapaz de se mover. De pestanejar. Olha para o manto vazio como se imaginasse a criatura a erguer-se mais uma vez, determinada a devorar-nos. Uma possibilidade bastante real.

O pensamento congela-me o estômago, e deixo cair a máscara de imediato, virando-me para o cadáver mais próximo — uma mulher com uma máscara de lobo ensanguentada, puxada para o topo da sua cabeça rachada. Tem um buraco cavado na bochecha inchada. Sinto a bílis subir novamente, mas ignoro-a, enquanto arranco um colar de esmeraldas do seu pescoço e uma pulseira de pedra da lua do pulso. Viemos até aqui por um motivo e macacos me mordam se um esqueleto canibal vai estragar os meus planos. Não quando estamos tão perto da liberdade.

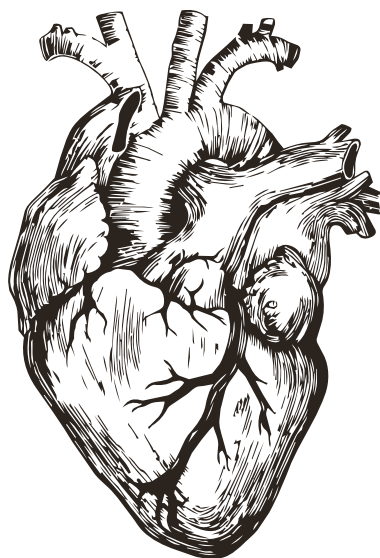
— Está tudo *bem* — digo, embora tudo pareça contradizer a minha afirmação. Enfio o saque no cinto de ferramentas e avanço para um homem cujos olhos foram arrancados do crânio. *Minha deusa.* Por toda a dor que os humanos causaram, as sereias retribuíram na mesma moeda. Mas não

são horas para debates filosóficos. Há que terminar o trabalho e *sair daqui*. — Já nos safámos de situações piores. Lembram-se dos esgotos? Cobertos de merda e mijo, com soldados no nosso encaço, e ainda assim conseguimos chegar a casa ilesos. — Procuo o olhar de Eos, implorando-lhe que sorria novamente. Que *respire*. Ou talvez esteja a implorar a mim mesma. Não consigo livrar-me desta sensação de arrepios na pele, e todos os instintos do meu corpo gritam para *fugir*. — Vamos ficar bem. Roubem o que puderem e depois...

— E depois? — pergunta Vesper, encarando-me com horror no seu olhar azul-escuro. Nunca a vi assim. Nunca vi nenhum deles assim, verdadeiramente assustados e à procura de alguém para os guiar. De olhos postos em *mim*.

Incapaz de os encarar, arranco uma tiara de prata da cabeça de outro cadáver.

— Fugimos — digo finalmente. — Roubem o que puderem e depois fugimos.



Escapando a anos de abuso, a sereia Zephyra livrou-se da cauda e escondeu-se no reino de Mortia. Mas a sua liberdade é de curta duração, pois é apanhada pelo belo e terrível feiticeiro, Arion, que lhe oferece um acordo irrecusável.

Se Zephyra e Arion não conseguirem aprender a lutar lado a lado — e a confiar um no outro —, há coisas piores do que a morte à sua espera.

OTHER SIDE

é uma coleção SECRET SOCIETY



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-589-484-0



9 789895 894840

